

495

A OBRA MERITÓRIA DO MARECHAL HERMES

Cel. FELÍCIO LIMA

Ao formar o seu Ministério, o Dr. Afonso Pena confiou a pasta da Guerra ao saudável Marechal Hermes da Fonseca, nome recebido com grande simpatia.

As mais justas esperanças foram depositadas no novo ministro, não só no seio das classes civis, como e principalmente no círculo das forças armadas, dado o interesse máximo que se fazia em tórno dos assuntos militares, atinentes à grande obra de reorganização do nosso Exército, o qual ainda se conservava nos velhos moldes do tempo imperial.

E essa expectativa não foi vã; antes, proliferou em benéficos frutos, muito embora o grau elevado de dificuldades a serem removidas pelo Marechal, no seu propósito inabalável de se empenhar a fundo na tarefa tão necessária à defesa e ao engrandecimento do Brasil.

Aquela época o Exército brasileiro estava reduzido a um estado lastimável, com efetivos ridículos e inconfessáveis, desprovido do mais insignificante material bélico, com os seus diminutos serviços desorganizados e assoberbados por uma infinidade de papeis de uma administração obstrutiva, a despeito de grande número de oficiais e sargentos empregados nas respectivas repartições, os quais desfalcavam, de maneira deplorável, os minguados efetivos orçamentários.

Havia, mesmo, oficiais que desconheciam o quartel em que era alojada a unidade a que pertenciam!

As comissões desdobravam-se de forma assustadora, resultando permanecer em completo abondôno a instrução, não raro entregue a sargentos e cabos incompetentes.

Tais males vinham de longe e se agravaram, inexplicavelmente, no govêrno Campos Sales, não sendo exagêro assinalar a conjectura, não remota, de que as unidades do Exército constariam de bandas marciais para tocatas em "comes" e "bebes" promovidos por um grupo de políticos que infelicitavam à Nação.

Daí a disposição do Marechal Hermes em ilustrar a sua gestão na pasta da Guerra por uma acentuada campanha em pról do reerguimento das fôrças armadas brasileiras, empreendendo, de início, múltiplas reformas parciais e a contextura dos diferentes serviços.

O Brasil necessitava imperiosamente da reorganização geral do seu Exército, tanto mais quanto o govêrno Rodrigues Alves já havia iniciado a da Armada Nacional.

Cabia, pois, a Afonso Pena delegar podêres ao seu dedicado ministro no sentido de transformar êsse ideal numa realidade, isto é, a consecução de todos os requisitos exigidos pelas fôrças militares contemporâneas, com a criação de unidades de combate e não de batalhões e regimentos compostos de verdadeiros esqueletos fardados.

Os nossos chefes militares nunca foram belicosos, tanto assim que sempre aplaudiram, com entusiasmo, o insigne artigo da Constituição da nossa primeira República, que consagrava o princípio de arbitragem, para resolver os nossos conflitos internacionais.

Porém, o Marechal Hermes acreditava plenamente que ao Brasil competia a supremacia política na América Meridional, dada a sua preponderância ao Sul do Canal do Panamá, além de grande costa a defender, à semelhança da que ao Norte cabe à famosa pátria de Monroe.

Seria um meio de manter o equilíbrio em nosso hemisfério, ao lado da grande República norte-americana.

E essa hegemonia pacífica e cordial, que não pode faltar ao Brasil por motivo de ordem política, industrial, comercial, econômica, só será mantida quando apoiada a suas diplomáticas armas eficientes que a Nação lhe confiar.

Donde a compreensão nítida do lembrado Marechal em relação à Pátria um Exército de real valor.

Além disso, a Carta Constitucional de 24 de Fevereiro de 1934 consagrava o moralizador princípio do serviço militar obrigatório, com a regulamentação do sortêio. Constituiu uma medida necessária para a defesa bélica do Brasil, tanto mais oportuna a mesma já estava em vigor na generalidade das nações avançadas, em substituição ao recrutamento compulsório, que se processava num ambiente cheio de nocivas irregularidades porque, quase sempre, os voluntários que se apresentavam não pertenciam à boa camada social.

Verificava-se, ainda, que o cidadão, cuja moral se mantém em nível relativamente elevado, procurava evitar a caserna para não se confundir com tais elementos, onde hoje, graças à reforma Hermes, existe uma classe nobilíssima a que todo cidadão se orgulha de pertencer, logo que é obrigado a servir.

E' certo que muitas vezes passava pela caserna uma pequena parcela de ex-alunos das Escolas Militares, os quais, por acaso imprevisto, ali iam ter e, embora as leis inexoráveis da sociologia, essa minoria nunca se poluiu na sua moralidade, ficando, antes, indelével nessa passagem ocasional um traço nobre que se transformaria mais tarde no fogo sagrado que empolga aqueles que amam a grande Pátria brasileira.

Portanto, naquela triste quadra, faltava ao soldado brasileiro a educação moral, a cívica e a física e a instrução elementar profissional, pois as escolas regimentais eram insuficientes e os exércitos mal aplicados.

Assim, para remediar esse estado de cousas, visando um melhoramento moral, surgiu o Marechal Hermes com um notável programa que, se tivesse sido posto em execução nas mãos das atuais autoridades não teriam encontrado as pequenas

dificuldades — que estão sendo afastadas com energia — na presente organização das forças expedicionárias brasileiras.

Foi, em verdade, um período áureo por que passou o Exército Nacional.

O ilustre militar, cercado de uma pléiade de jovens oficiais que se tinham especializado no tradicional exército alemão — em virtude de iniciativa própria — e com a propaganda cívica dirigida pela palavra inflamada de patriotismo do grande Olavo Bilac, os quartéis se encheram do melhor elemento da sociedade brasileira; os quadros se renovaram, dando em resultado uma orientação segura recebida pelas nossas forças de terra e que muito facilitou a aplicação dos ensinamentos da Missão Militar Francesa, eis que os nossos oficiais estavam preparados para receber e ministrar as modificações introduzidas nos processos táticos, oriundos da primeira guerra européia, conforme afirmou o chefe dessa Missão, o general Gamelin, em memorável conferência.

Porque, então, essa meritória obra não foi ultimada?

A resposta está em que nos meados do período governamental em aprêço, o saúdoso militar teve que deixar a pasta da Guerra, em conseqüência de uma grande parte da Nação haver levantado a sua candidatura à presidência da República, único meio de resolver uma crise política.

E' que os políticos viam naquela alta patente do Exército Nacional um grande perigo às suas manobras de consolidação às oligarquias estaduais, onde imperava a vontade do chefe, com manifesto prejuizo dos invioláveis interesses da Nação.

Daí a necessidade de envolvê-lo nas tramas da nefasta politicagem, visando enfraquecer o seu incontestável prestígio no círculo de sua classe e no conceito da opinião pública, que se manifestava de um modo patriótico.

Contudo, a suposta desmoralização ocasional não consumiu o último tesouro de um honesto patrimônio, reserva da dignidade ancestral, da resistência granítica de seu coração magnânimo, pois o bondoso Marechal era o tipo modelar de uma raça selecionada, sem mesclas, na mais sadia consangüinidade.

E' certo que num momento de confusão política buscaram arrancar o diadema do prestígio popular, porém nem por isso deixou de rutilar-lhe na frente a auréola dos bemaventurados, al símbolo de luz eterna.

A despeito dos zoilos, êle passará à posteridade, como grada dívida a resgatar, de vez que a história jamais lhe resará a honra de haver concorrido eficazmente para a glória o engrandecimento do Brasil.

Algures foi dito que os homens surgem nos momentos precisos, assim como toda causa requer um efeito.

Presentemente, o Exército Nacional, como ao tempo do grande soldado, atravessa um período de importante transição, exigindo, para a plena e brilhante realização do papel que lhe cabe nos acontecimentos mundiais, do novo e vigoroso estímulo que lhe vem proporcionando o ex-cadete da Escola Militar, ora ilustre Chefe da Nação, a quem com a orientação segura do atual ministro da Guerra, se deve a obra de rearmamento do nosso valoroso Exército, cujas forças estão hoje consorciadas com a opinião pública sob uma só bandeira, graças à implantação no Brasil do Estado Nacional.

BÔA APPARENCIA

NÃO a tem sómente quem se veste com apuro. Ella depende, sobretudo, da barba bem escanhoada, o que só se consegue com a insuperavel lamina Gillette Azul.

Lamina GILLETTE AZUL

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Anuario Militar do Brasil, 1935	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1936	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1937	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1940	27,00
Anuario Militar do Brasil, 1941	37,00
Anuario Militar do Brasil, 1942	42,00
A Campanha da África Oriental — Gen. Waldomiro Lima	31,00
A Campanha da África Oriental — Gen. Waldomiro Lima (D. Oficial)	21,00
A Revolução de 1842 — Martins de Andrade	26,00
A Compreensão da Guerra — J. B. Magalhães	30,00
Andrade Neves o Vanguardeiro — Cap. De Paranhos Antunes	7,00
Aplicações Militares — Cap. Marcio de Menezes	16,00
Aspéto Geográfico Sul-Americano — Cel. Mario Tra- vassos	6,00
As Condições Geográficas e o P. M. Brasileiro — Coro- nel M. Travassos (*)	6,00
Bandeira do Brasil — Cap. Janary Jentil Nunes	11,00
Boletim n.º 3 — Cel. Araripe e Lima Figueiredo	11,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".